

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$500 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 7 — VOL. III.

Sabbado 19 de Fevereiro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Litteratura portugueza, continuação — Galeria historica, continuação — Uma erupção vulcanica na ilha do Pico — A cathedral da cidade de Viina — Esboço sobre a litteratura ingleza — O mar Vermelho — O engeitado, conclusão — Alva Estrella, continuação — Miscelanea.
GRAVURAS: — O cavalleiro das armas verdes — Uma vista pittoresca da ilha do Pico — Bahía ou porto de ElWuish na costa do norte do mar Vermelho — Cathedral da cidade de Viina na Polouia.

Historia da actualidade.

Foi presente ao almirantado inglez o modelo de um barco submarino. A forma é de um golfinho, e pode conduzir oito até quinze homens, munidos dos respectivos instrumentos para metter a pique qualquer embarcação. Affirma o inventor que já fez mergulhar o dito barco pelo espaço de quatro horas, e que assim andou algumas milhas pelo fundo do lago Michigau.

Em 30 de Novembro ultimo eram as forças dos revoltosos no reino de Oude, compostas de cento e dezeseis mil e cem homens d'infanteria; vinte e quatro mil quatrocentos e setenta de cavallaria, contando na artilheria cento quarenta e duas peças.

A divida dos estados pontificios monta a duzentos milhões de cruzados.

Em Vizeu houve no dia 8 do corrente um forte abalo depois da uma hora da noite, sendo mui violenta a oscillação, e mais duradoiro do que a que ali se sentiu em 14 de Novembro passado. Uma hora depois caiu uma forte trovoada sobre a cidade.

O vapor *Vesuvio* durante o anno fez trinta e uma viagens redondas entre Lisboa e Porto, transportando tres mil quinhentos cincoenta e nove passageiros. Produziu o total das passagens 9:991\$640 rs. Os fretes das cargas produziram 14:464\$035 réis.

Calculou um inglez que um homem falla, termo medio por dia, tres horas, pronuncia cem palavras por minuto; o que equivale a fallar materia de vinte e nove paginas por hora, cem por semana, ou cincoenta e dois volumes annualmente.

Sua eminencia o nosso prelado acaba de ordenar, que os officios nocturnos da semana santa terminem ás dez horas.

Amanhã, domingo 20, celebra a academia das sciencias a sua sessão solemne

annual, acto que suas magestades honrarão com a sua presença.

O theatro de D. Fernando tem sido muito concorrido, e a companhia que ha pouco ahi se estreou, é considerada boa pelas pessoas intelligentes.

Este anno sairá novamente a procissão da quarta feira de Cinza, feita pela irmandade dos terceiros. Desde 1834 que se não fazia. Levará dez imagens, e percorrerá as ruas da baixa.

Na rua do Ferregial de cima tem o senhor Bessone o seu palacio, o qual acaba de ornar com quatro estatuas na galeria que corre por cima do

edificio. São de excellento trabalho. Representam alegorias ao commercio e á industria.

O senhor José Romano escreveu uma oratoria para o theatro das *Varietades*, com o nome de *Os Martyres*.

A Porta acaba de protestar contra as eleições da Valachia, e pediu a reunião de uma nova conferencia para se tratar este negocio.

O embaixador de França e os plenipotenciarios chins deferiram a sua partida de Cantão, esperando pelo resultado da esquadilha que acompanha lord Elgin, e que já passou o rio além de Nankin. Espera-se que a esquadilha coopere com os imperias contra os revoltosos d'aquelle imperio.

Teve lugar no dia 13 do corrente a reunião da assemblea da companhia de fabrico de algodão em Xabregas. A companhia vac em estado prospero. No decurso do anno teve de interesses 10:303\$012 rs.

Falleceu a princeza herdeira da Toscana.

Falla-se na reconciliação entre a Sardenha, e Roma, e igualmente n'uma concordata.

O rei de Napoles acha-se gravemente enfermo.

Litteratura portugueza.

Continuação.

II

DAS ACTUAES ESCOLAS LITTERARIAS.

A litteratura no sentido strictissimo, isto é, as bellas-lettas, e especialmente a poesia, segundo o seu espirito e formas que adopta, divide-se em tres escolas: escola classica, escola romantica, e escola eclectica.

Muitas vezes se toma a palavra classico como synonymo de perfeito: e, n'este sentido, tal designação quadra a todos os autores que, pela perfeição de suas obras, sejam os modelos ou mestres em qualquer genero que escrevam, e em qualquer escola que se filiem. E' porém n'outra accepção que se toma esta palavra, quando queremos por ella designar a escola litteraria, que se denomina classica.



O cavalleiro das armas verdes.

A escola classica é a que, fascinada pelo esplendor das letras gregas e latinas, seguindo os modelos da antiguidade pagã, apenas admite as inovações da litteratura italiana, e franzeza (do século XVI a XVIII). Tem a escola classica *tres terribes contras*: o primeiro consiste em se tornar monotonos, seguindo invariavelmente as mesmas formas: o segundo em contrariar a verdadeira missão do genio, restringindo-o quasi à mera imitação do passado: o terceiro, o peor, em ser deslocada e impropria da civilização actual, cujas idéas, costumes, crenças e mesmo superstições tanto divergem das antigas do mundo pagão.

A escola romantica, se a considerarmos pelo seu lado historico, é a nascida do espiritalismo christão e das idéas cavalheirescas e eroticas dos trovadores e chronicistas da meia idade; escola que, agora aperfeiçoada, mais se adopta ao modo de ser moral e social dos povos modernos: e, se a considerarmos em relação ao seu objecto e forma actual, é a litteratura que, ingenua e naturalmente, sem prender-se a regras, trata os factos e sentimentos indigenas sob a influencia das idéas, costumes, crenças, ou superstições contemporaneas. Assim a escola romantica é a democracia na litteratura: firma-se na influencia da sociedade, sobre o espirito do escriptor, em quanto que a estreme escola classica, sustentada por esforços individuaes, deriva todos os seus foros de um retrospecto sobre as letras da antiguidade.

Dadas estas idéas geras de uma e outra escola, comparemos-as, servindo-nos para isso das palavras eloquentes de madame de Staël: — « Esta divisão deriva-se das duas eras do mundo, a que precedeu o estabelecimento do christianismo, e a que o seguiu: e, se não admittirmos que o paganismo e o christianismo, o norte e o meiodia, a antiguidade e a meia idade, a cavallaria e as instituições gregas e romanas entre si dividiram os dominios da litteratura, nunca poderemos chegar a apreciar sob o ponto de vista philosophico o gosto antigo e o gosto moderno. »

« No mundo mythologico, o homem reflectindo pouco materialisava sempre a acção da sua propria alma; a mesma consciencia era figurada por objectos exteriores; os remorsos eram os factos das furias, brandidos sobre a cabeça dos culpados; a manifestação d'essa reflexão inquieta, que nos devora por vezes, como os abutres de Prometheus, só loucura pareceria á luz do positivismo do estado civil e social dos antigos. »

« Outro tanto porém se não dá, quando o coração humano é educado pelo christianismo: os modernos acharam, começando pelo arrependimento evangelico, o segredo de reverterem continuamente os seus espiritos sobre si mesmos. »

« Mas, para manifestar esta existencia interior, é mister que uma grande variedade nos factos produza as infinitas alternativas do que se passa na alma. Se hoje as bellas-artistas se limitassem á simplicidade dos antigos, não poderiam ellas chegar ao grau de vigor primitivo que as distingue, e nós perderíamos as emoções intimas e multiples de que a nossa alma é susceptivel. A simplicidade da arte entre os modernos de prompto cairia na frieza e na abstracção, em quanto que entre os antigos era cheia de vida. A honra e o amor, o valor e a piedade são os sentimentos que caracterizam o christianismo cavalheiresco; e estes dotes da alma só se manifestam nos perigos, nas proezas, nas paixões, nas desventuras, no interesse romantico emfim, que varia continuamente os assumptos. As origens dos effectos da arte são differentes, sob muitos aspectos, na poesia classica e na poesia romantica; em uma domina a sorte, na outra a Providencia: a sorte não attende aos sentimentos dos homens, a Providencia é por esses sentimentos que julga das acções exteriores. Como não havia a poesia ser de uma indole inteiramente differente, quando cantava a obra de um destino cego e surdo, sempre em luta com os mortaes, ou quando hoje se inspira n'essa ordem intelligente, á qual preside um Ser supremo, todo sapiencia e amor! »

« A poesia pagã deve ser simples e saliente como os objectos exteriores; a poesia christã precisa das mil côres do iris para que se não perca nas nuvens da metaphysica. A poesia dos antigos é mais

pura como arte, a dos modernos é mais sentimental: porém, quanto a nós, a questão não é entre a poesia classica e a poesia romantica, mas sim entre a imitação, em que aquella hoje se baseia, e a inspiração, de que esta se deriva. A litteratura dos antigos é entre os modernos exotica; a litteratura romantica ou cavalheiresca indigena; por que nasceu das nossas crenças e das nossas instituições. Os escriptores imitadores dos antigos submeteram-se as regras do mais severo gosto, porque, não podendo consultar nem a sua propria natureza, nem as suas proprias tradições, forçoso lhes era o conformarem-se aos preceitos, segundo os quaes as obras primas dos antigos podem ser adaptadas ao nosso gosto, com quanto as circunstancias politicas e religiosas das quaes essas obras provieram tenham completamente mudado. Por isso, das composições litterarias, moldadas pela litteratura antiga, por perfectas que sejam, raras são as que se tornam populares; porque na actualidade nada tem de nacional. »

« A litteratura romantica é a unica ainda susceptivel de ser aperfeiçoada; porque só ella, pelas razas que tem no nosso solo, pode pela propria seiva crescer e renovar-se, inspirada pelas nossas crenças, enriquecida pela nossa historia. A poesia classica veio até nós atravez das tradições pagãs; mas a romantica constitue a phase christã das bellas-artistas: serve-se das nossas pessoas impressões para nós mover: o genio que a inspira dirige-se immediatamente ao nosso coração, e parece derivar da nossa propria vida, como ella em si mesma é, o talisman do seu maravilhoso poder. »

A escola romantica porém, ainda hoje sob a forma pratica, resente-se da falta de preceitos, que a encaminhem; e que, junto ás tendencias liberrimas dos seus discipulos, a tem levado muitas vezes a indesculpaveis desvios do bom gosto, e feito fluctuar indecisos os espiritos dos estudiosos. Estes são os seus principaes defeitos, para evitar os quaes, ha poucos annos entre nós se levantou a escola eclectica, que tem por fim adoptar os preceitos fundamentaes do bom gosto, proclamados pelos antigos e philosophicamente estudados pelos alemães na novissima sciencia da esthetica, deixando dentro d'estes limites a liberdade das idéas, dos sentimentos, e das formas romanticas. E' n'esta terceira escola que nós liliamos.

Galeria historica.

Continuação.

O CAVALLEIRO DAS ARMAS VERDES.

A vida anterior d'este guerreiro é contada de tantos modos diversos, que em nenhum podemos ter inteira confiança.

Ligar-nos-hemos apenas ao que refere um autor arabe, que, segundo o seu traductor, presenciou a sanguinolenta batalha de 2 de Julho de 1187, dada pelo terrivel Saladino.

Seja qual fór a verdade degradada relativa aos principios do tal *cavalleiro das armas verdes*, de certo não chega a obscurecer o feito heroico das suas *verdes armas*, nem a fe verdadeiramente evangelica da sua contrição.

O cavalleiro das armas verdes de quem a historia não conservou outro nome, era, segundo o autor acima citado, de inquestionavel origem hespanhola, alto, robusto, e dotado de tão grande força muscular como fraqueza de espirito.

Parece que tal asserção está em completa contradicção com o que acima dissemos a respeito do seu heroico feito; mas é preciso notar que a occasião faz por vezes o homem, e á falta de homens para as occasiões, ha felizmente occasiões para os homens.

De nenhum modo intentamos pôr em duvida, sequer, as esforçadas acções do cavalleiro hespanhol: não nos permite a imparcialidade emitir juizo algum que não seja deduzido da rigorosa analyse dos factos.

Do que levamos dito, deprehende-se, sem duvida, uma suspeita vaga a respeito da vida do

(*) Do num. 5.

do nosso heroe: escrevemos como sentimos: tambem experimentamos igual suspeita ao folhear a chronica; e quanto mais as folhas passavam, mais clara e viva se nos tornava a suspeita.

O cavalleiro das armas verdes appareceu na Palestina no principio do anno de 1185, conforme uns, e segundo outros em meado de 1186. Era simples soldado aventureiro, sem mais fortuna que a sua espada, e as herculeas proporções de que a natureza o havia dotado para manejar-a com proveito.

O pouco espirito, porem, que em tão vasto corpo fóra alojado, transformava o proveito que de certo lhe resultaria das outras reconhecidas vantagens.

Quando o sultão de Damasco via em Saladino o mais esforçado mantenedor do seu imperio; o mais habil regente da politica d'elle; o mais habilitado gerente dos rendimentos do estado, foi pelo principe mimoseado com um escravo de origem hespanhola, dotado de excellente voz, de genio folgazão, e aparentemente atrevido, e capaz de prender por muito tempo a attenção de numeroso auditorio.

O sultão era triste; ouviu o escravo, e riuse. O riso de um sultão é uma especie de carta branca, concedida a quem teve a felicidade, arteiramente, de saber provocá-lo.

Saladino notou com prazer a acceitação que o escravo obtinha; e o escravo, que satisfazia completamente as horas tristes do sultão, tornou-se tão amigo de seu senhor, que até chegou a renegar do seu Redemptor.

Quando os negocios de Damasco se complicaram; quando do seio da revolta, que parecia ameaçar aquelle potentado sobre o throno, saiu finalmente a pedra que foi cair-lhe sobre a fronte coroada; reffer o secretario de Saladino, que é o escriptor que já citamos, uma scena violenta, que teve lugar entre Saladino e o escravo renegado.

A morte do sultão foi annunciada ao principe pelo escravo; e taes palavras este murmurou, que Saladino, ouvindo os primeiros clamores do povo pelas pragas, aterrado com a queda do seu bemfeitor, e quem sabe se com o acto que trautas pennas arabes lhe attribuem, esqueceu a presença do seu secretario, e, elevando a voz, bradou apavorado: — Infame! não mais verás a minha face!... nem em encontrarei o brilho dos teus olhos.... pesem sobre ti as sombras eternas do *concavo fundo da casa do fumo!*

E immediatamente lhe atirou tão certa pontada com o puhal, que lhe vasou o olho esquerdo; e repetiria a acção, se o escravo não se valesse então das avantajadas pernas de que a natureza o dotara.

Se algum mysterio ha em semelhante scena, não nos cumpre a nós esclarecê-lo, porque a historia não nos offerece para esse fim dados alguns que não sejam refutaveis.

Em todo o grande e assignalado periodo da revolução de Damasco, de que já largamente fallamos nos artigos anteriores, não houve o menor vestigio do escravo, nem palavra que ligasse importancia á scena referida pelo secretario de Saladino.

Quando em 1187 os francos quizeram formar vivos baluartes contra a marcha progressiva das armas de Saladino, apresentou-se no acampamento dos cavalleiros templarios da ordem de S. João um peregrino, pedindo armas e protestando contra o islamismo. Era um hespanhol alto e reforçado, ainda que na physionomia mostrava não poucos signaes de longa penitencia e compridos jejuns.

Os christãos não estavam no caso de desprezar bragos: o peregrino respondeu satisfatoriamente a todas as perguntas que lhe dirigiram relativas á religião christã; e tão profundo odio lhe attribuiram contra os infieis, que para logo entenderam fazer excellentemente acquisição incorporando nas fileiras o bravo peregrino; mas este recusou alistar-se.

— Só peço armas contra o islamismo, pios cavalleiros, disse elle. Dae-m'as, que terci n'ellas tão viva fé como é vivo o amor que tenho a Deus: Deus hade abençoal-as. Recuso incorporar-me no exercito; eu só farei outro, não menos esforçado e terrivel para o feroz Saladino; pois juro, e a Deus offereço o meu juramento, com a minha lança e a minha espada formar uma cruz, que plantarei em frente dos inimigos; e só, com a macha de ferro, camppear de pé, sem que um só infiel consiga passar inapune por mim!

O voto era mais que denodado! Os cavalleiros, espantados de tão grande atrevimento, deram-lhe immediatamente as armas que pedia. Eram ellas de um cavalleiro que morrera de febre: estavam cobertas de azebre e ferrugem; e por isso o peregrino foi chamado o *cavalleiro das armas verdes*.

Nada prova que este peregrino seja o renegado de que fallámos, senão a coincidência de ser cego do olho esquerdo, e as alentadas propôrções que o tornavam notavel. O odio que mostrava contra Saladino tambem não prova, porque todos os christãos odiavam aquelle barbaro infiel.

O dia destinado para a sanguinolenta peleja raiou emfim: dia infausto para as armas christãs; glorioso para o espirito do christianismo.

O cavalleiro saiu a campo logo aos primeiros sons dos clarins: depoz o escudo sobre um montão de pedras, fez da lança uma cruz e cravou-a como tinha dito: depois, levantando a viseira, e empunhando com a mão esquerda a maça de ferro, encareceu as columnas inimigas que avançavam. E só, n'aquelle terrono que em breve teria de ser convertido em mar de sangue, poz a mão direita sobre a cruz da armadura, e disse compungido:

— Oh! Deus supremo, unico autor do mundo e creador dos homens, origem do verbo! O Christo crucificado, meu divino Redemptor, perdoe a um triste peccador que vem aqui dar todo o seu sangue pela remissão da sua consciencia, pugnando pelo estandarte da nossa gloria evangelica!

Esta breve oração foi ouvida por um padre que ali o acompanhara para rezar por elle o officio dos mortos, pois assim lhe tinha pedido.

Uma hora depois, o chão estava, ao redor d'elle, coberto de cadaveres esmagados pela terrivel maça de ferro. O proprio Saladino o accommetteu: mas fugiu espavorido, notando a vista incendiada do defensor da cruz.

Quantos o investiram lhe caíram aos pés. Infelizmente a victoria tinha de ser de Saladino, e este principe passou por sobre o cadaver do *cavalleiro das armas verdes*.

ALFREDO HOGAN.

Uma erupção volcanica na ilha do Pico.

Nos fins da primavera de 1720 succedeu na ilha do Pico, uma das nove do archieplago dos Açores, um horroroso e medonho cataclismo, que encheu de terror a todos os habitantes, deixando para memoria da sua funesta passagem ruínas e desolação.

O dia 10 de Junho passara-se ali risonho e formoso, como são de ordinario os dias n'essa quadra do anno, tão linda e amena. A noite desdobrara serena e tranquillamente o seu negro manto, recamado de estrellas refulgentes, parecendo predizer venturas aos que assim convidada ao repouso.

Os laboriosos habitantes do Pico tinham largado os seus instrumentos agrarios, para ir gosar ao doce abrigo dos lares domesticos o descanso de seus rudis trabalhos. Pensando, certamente, nos bastos fructos com que vergavam as vinhas e cearas, prometendo abundante colheita, adormeceram embaldados com as mais ledas esperanças.

Mas que terrivel despertar os aguardava! Como n'um momento iam ver trocadas as suas esperanças em illusões, a alegria em lucto e dôr, e a riqueza em miseria! E como aquella mesma mão da Providencia, que prodiga reparte tantos bens, n'um relancear d'olhos converte ás vezes em abysmo de desgraças quantos bens liberalisara!

Accordaram pois os miseros ao pavoroso rebombado de um trovão subterraneo, e aos violentos impulsos do solo, que parecia abalar-se até a ultima profundidade de suas entranhas. Atonitos e sobressaltados, procuram fugir apressadamente d'entre as paredes das casas, que tremiam e se agitavam em semidos oppostos, como brandos arbustos açoitados pela tempestade.

Que espectáculo se apresentou então á vista d'aquelles desgraçados! A montanha do Pico, abrasada em chammas, vomitava por dezeseis boccas lavaredas tão altas, que pareciam querer chegar ao ceo; nuvens de fumo tão negras, que a espaços vencião o brilhante clarão do fogo; cinzas, areias, e pedras, em tanta quantidade, que, toldando os ares, caíam por toda a ilha em chuva ardente e copiosa; e tor-

rentes de lava incendiada, correndo furiosas para o mar, abrasavam ou destruíam tudo quanto encontravam na passagem.

O mar, que primeiro recuara como aterrado pelo subito accommettimento, arremeçou-se depois irado contra a costa com tão tremendo impeto, que arrancou e levou diante de si enormes penedros, inundando grande parte da ilha, e deixando as terras saídas.

Os estromdos interiores do volcão; os continuos abalos da terra; a bulha da lava caindo no mar; o bramido das vagas, que se quebravam contra as rochas; o reflexo das chammas afogueando ceo, mar, e terra; e finalmente as preces e tristes gemidos de toda aquella população, transida de susto, quebrada de forças, como despedrada do mundo, pondo em Deus todas as suas esperanças; tudo isto formava um quadro verdadeiramente horrivel e temeroso! Quadro medonho, que os olhos não podiam ver assim de perto sem turvação; e diante do qual fraquejaria a alma do mais forte e corajoso!

As torrentes da lava inundaram um espaço de perto de uma legua em quadro, devorando muitas quintas, vinhas, pomares, e mais de trinta casais. O gado pereceu quasi todo. Os terrenos por onde a lava passou, appareceram depois sem terra, e apenas compostos de pedras denegridas e estaladas pela acção do fogo.

As cinzas arrojadas pelo volcão foram cair a grandes distancias no mar, e nas ilhas vizinhas. Na de S. Jorge, apesar de estar oito leguas distante, ainda chegaram a causar consideraveis prejuizos.

O volcão rebentou nas faldas da montanha do Pico para o lado da pequena aldeã chamada Cabeço do Soldão. Em Fevereiro do anno antecedente tinha havido outra erupção, posto que menos violenta.

A montanha volcanica, que termina a ilha do lado oeste, e que lhe dá o nome, eleva-se acima da superficie do mar seis mil e setecentos pés, e tem por corôa uma immensa cratera, d'onde já rebentaram horribes erupções, e que lança fumo a miudo.

A ilha tem dezeseis leguas de comprimento, e cinco de largura. A villa das Lages, com tres mil habitantes, é a sua capital.

A estampa mostra uma vista d'esta villa, e no fundo o famoso pico.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A cathedral da cidade de Vilna

A cidade de Vilna é capital da Lithuania, provincia da Polonia russiana.

Quando a Lithuania constituia um grã-ducado independente, foi côrte dos grã-duques. D'essa epoca mostra ainda algumas venerandas memorias em monumentos mais ou menos bem conservados, mas cheios de gloriosas recordações historicas, como, entre outros, o palacio dos seus antigos soberanos, tão celebrado no tempo do grande Jagellon, e o seu arruinado castello, onde tantas gentilezas de armas se praticaram.

Esta grande e bella cidade, cuja população ascende a quarenta e duas mil almas, está situada na confluencia dos rios Vilia e Vilenka. Os montes, que a cercam, alguns d'elles coroados de capellas, ou castellos arruinados, dão-lhe um aspecto mui pittoresco. Os seus principaes edíficios são, em primeiro logar, a sua magnifica cathedral, que junto damos em estampa; a universidade; o observatorio astronomico; a casa da camara; a escola de navegação; o seminario theologico do rito grego; trinta e duas igrejas catholicas; tres templos russos; um lutherano; um calvinista; e uma synagoga, e uma mesquita.

A cathedral está edificada em uma vasta praça, n'uma das extremidades da cidade. Grande pelas suas dimensões, rica pela excellencia e perfeição dos ornatos, e ao mesmo tempo respeitavel pela grave simplicidade da sua architectura, esta formosa basilica não tem equal em todo o reino da Polonia, e pode, sem duvida, figurar convenientemente ao lado dos mais bellos edíficios religiosos, que possuem os outros paizes da Europa.

O sitio aonde está fundada esta igreja é cele-

bre na historia da Polonia. No tempo em que a Lithuania era pagã, erguia-se ali o templo de Perkounas, um dos seus falsos deuses. O grã-duque Ladislau Jagellon, que pelo seu casamento com Hedwiges, rainha da Polonia, uniu estas duas nações, ao passo que se adornou com as duas corôas, plantando e propagando nos seus estados o culto christão, fez construir sobre as ruínas do templo pagão em 1387 uma igreja dedicada á Virgem Maria e a todos os Santos. No anno seguinte por uma bulla do papa Urbano vi foi erigida em cathedral. Destruida tres vezes, em 1531 e em 1610 por dois incendios, e em 1769 por um terrivel furacão, e outras tantas reconstruida, em 1777 começou-se uma nova e completa reedificação, que se terminou em 1801. O architecto, que fez a planta, e dirigiu as obras, era polaco, e chamava-se Lourenço Gueewicz. Foi sagrada em 29 de Novembro de 1801, e dedicada aos Santos Estanislau e Ladislau.

O edíficio tem a forma de um quadrilongo, com um portico na frente principal composto de seis bellas columnas. O frontão é coroado pelas estatuas colossaes de Santa Helena, no centro, S. Casimiro, á esquerda, e Santo Estanislau, á direita. O baixo relevo do frontão representa o sacrificio feito por Noé em acção de graças ao sair da arca. As estatuas dos nichos, que decoram esta fachada, são de Moysés, de Abrahão, e dos quatro evangelistas.

O templo tem interiormente cento e oitenta pés de comprimento, e setenta e dois de largura, e é dividido em tres naves. Adornam-o bellos marmores, esculpturas de muito primor, estatuas, paineis a oleo, e pinturas a fresco.

Os incendios que houve n'este templo antes da sua ultima reedificação, destruíram alguns tumulos dos antigos grã-duques, notaveis pela sumptuosidade da architectura. Todavia escaparam outros não menos ricos em obras d'arte. O principal e diversos respeito é o de S. Casimiro, filho de Casimiro iv, rei da Polonia, e que falleceu em 1483. Este precioso mausoleo é todo de prata massiça, lavrada em delicadissimos relevos. Tem de peso a prata cento e tres arrobas e quatro arrateis.

Quando o imperador Napoleão i fez conceber á Polonia esperanças da restauração da sua independencia, celebrou-se na cathedral de Vilna em 14 de Julho de 1812, com extraordinaria pompa e com o mais vivo entusiasmo, o acto de confederação geral para o restabelecimento da antiga união da Polonia e da Lithuania. A função foi grandiosa, e deixou na historia polaca uma recordação de sublime patriotismo; porém a illusão d'aquellas esperanças desvaneceu-se promptamente.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Esboço sobre a litteratura ingleza.

As relações entre Portugal e Inglaterra teem-se cada vez mais estreitadas, datando o seu começo de 1147, quando

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo sarraceno,
Muitos com tenção santa eram partidos,
Entrando a bocca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LUSIADAS, C. III, est. 58.

A lingua ingleza vae-se tornando tão popular em Portugal, e os curiosos vão augmentando tanto, que é este o tempo favoravel para se poderem apreciar as riquezas da litteratura ingleza, pondo de parte as traducções e tomando os originaes; avaliar-se-hão por isso, com o costumado talento de que são geralmente dotados os portuguezes, as immortaes tragedias de Shakespeare ou as obras do tetrico Byron.

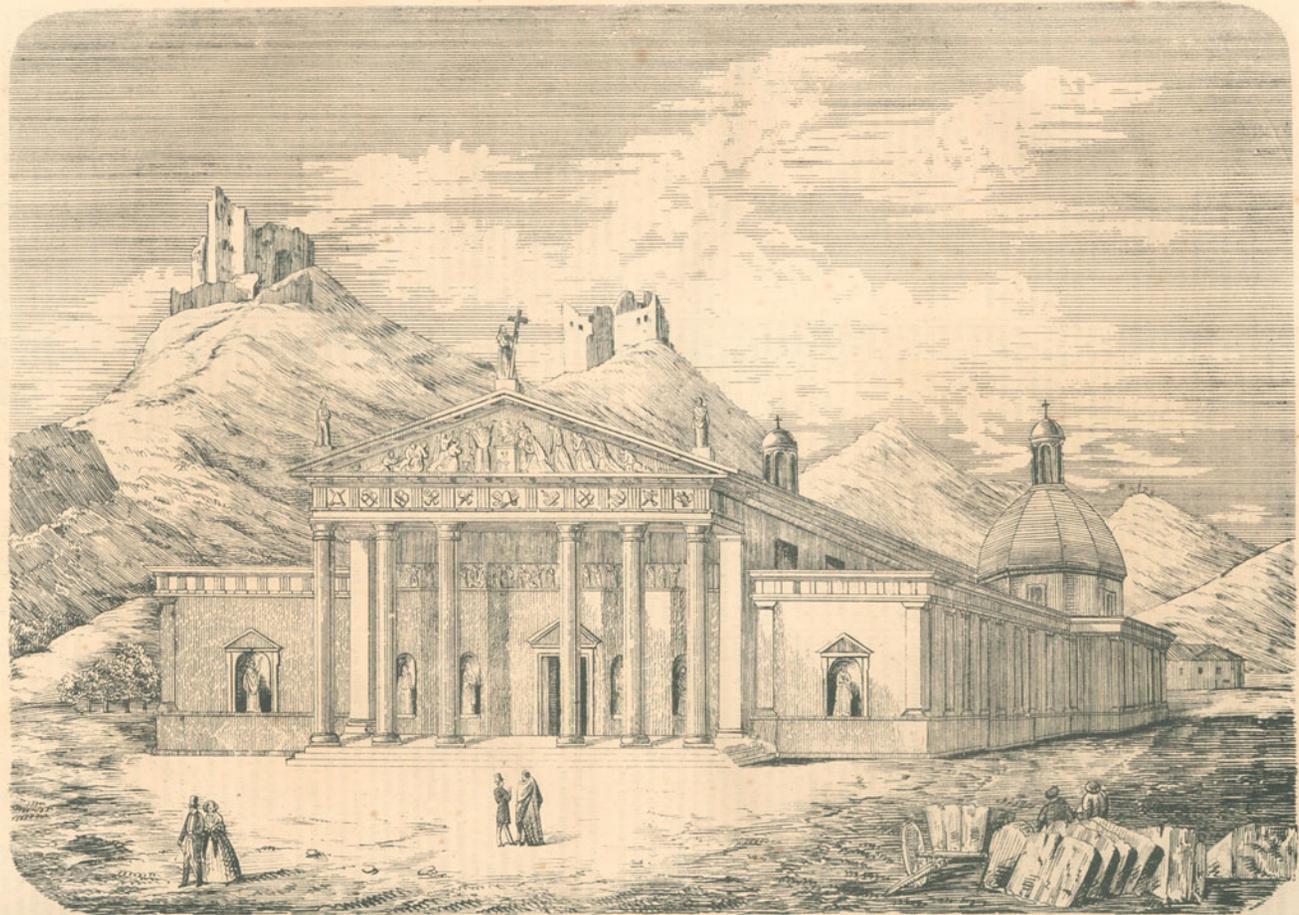
De certo, o leitor que se proponha recrear-se com o estudo da litteratura ingleza, se precipitará no abysmo do aborrecimento, não havendo um guia que o conduza pela vereda que deve seguir, apontando-lhe os principaes poetas e suas molho-



Uma Vista pittoresca da ilha do Pico



Bahia no porto de ElWuish na costa do norte do Mar Vermelho.



Cathedral da Cidade de Vilna, na Polónia

res produções. Folgamos de ser esta a nossa tarefa: conduzi-l-o-hemos de tal forma, até onde nossas forças e nossa debili penna puderem alcançar, que a leitura se lhe torne agradável e instructiva. Servirá ao mesmo tempo o nosso esboço para os litteratos recorrerem a elle para citações, sem terem de folhear obras estrangeiras que aqui se tornam tão despendiosas.

Era nosso desejo dar um catalogo de todos os poetas e suas obras; mas torna-se-nos impossível, pelo curto espaço a que nos limitamos, sendo então o nosso trabalho proprio a apparecer por si e não em um jornal litterario.

Daremos começo por

CÆMDON.

Classifica-se este como o primeiro poeta anglo-saxonio, não pela belleza de suas obras, mas por ser o primeiro do seu genero de quem as produções chegaram até nossos dias. Existiram antes d'elle os druidas e os menestres ambulantes, de quem nada se sabe senão o que corre por tradição. A biographia de Cæmdon é um tanto escura; corre como provavel que nascesse no A. D. 620, no condado de Northumberland, e que servira na sua juventude como vaqueiro em casa de certo senhor, proprietario, perto de Whithy. Conta-nos Bede, que era tão rude que frequentemente se via obrigado a retirar-se do solar, quando lhe chegava a vez de tanger a harpa e improvisar canções; o que n'aquelle tempo se considerava indispensavel ao homem mais rustico. Certa noite em que o pejo o havia forçado a sair do meio de seus companheiros, para as estrebarias, adormeceu sobre um montão de palha; eis que n'um sonho lhe apparece um ancião, e tocando-lhe na fronte diz: «Cæmdon, canta.» «Imediatamente, replicou elle, se soubera cantar não me teria retirado, coberto de pejo e vergonha.» «Canta, lhe diz segunda vez o ancião, canta a criação.» Immediatamente, inspirado, saltam-se-lhe dos labios versos, que jámais ouvira nem tivera idéa. Acordou; a visão dissipou-se, e não só foi possível ao rude vaqueiro repetir o que houvera cantado, como continuar a narrativa de que formara o exordio. Espalhou-se o boato que era milagre, e cedendo às instancias do clero fez-se monge, occupando-se o resto da sua vida, sem nunca lhe ter sido possível aprender a ler, a versificar parte da Biblia:

Genesis.

A saída do Egypto dos filhos d'Israel.

A encarnação.

A paixão.

A resurreição.

A ascensão.

O advento do Espirito Santo.

A doutrina dos Apostolos.

Os terrores do dia de juizo.

As angustias do peccador no inferno.

E finalmente os prazeres da vida eterna.

Morreu Cæmdon no anno de 680, e foi sepultado no mosteiro de Whithy, onde se encontram seus restos mortuos no seculo XII. Publicaram-se suas obras em Amsterdam em 1635.

O espaço que corre de Cæmdon a Chaucer abundou em poetas; varios escreveram em francez, lingua introduzida em Inglaterra pela conquista da Normandia, e cujas obras consistem em cantilenas de pouca importancia; dois ou tres, muito insignificantes, compozeram em saxonio, a maioria em latim, dos quaes nos contentaremos apontando como principal a

JOHN GOWER.

Ignora-se a data em que nasceria; sabe-se, porém, que fora intimo amigo e contemporaneo de Chaucer. Estudou direito, e asseveram alguns autores, que exercera o cargo de juiz. Uma grave doença o privou da vista em 1399, cessando pouco depois de existir, 1402. Foi autor de algumas obras em francez que jazem em manuscrito; em latim são as seguintes as principaes:

Confessio Amantis. — Escripto por mandado de Ricardo II. Primeira edição é de Caxton, 1483, seguem a de Bethelt, 1532 e a de 1534.

De Henrico IV. — Impressa nas obras de Chaucer.

Vox clamantis. — Manuscripto.

Continua.

F. E. PAYANT.

O mar Vermelho.

Um projecto por tantos tempos contrariado, e agora triumphante, dispõe-se para dar nova vida e immensa importancia a esse extenso golpho, que separa a Asia da Africa, ao qual os geographos chamam Golpho Arabico, mas cujo nome popular em toda a christandade pelas tradições da escriptura sagrada, é *Mar Vermelho*.

Esse projecto a que nos referimos, tão grandioso pela magnitude da obra, como pela immensidade dos resultados, que promete, é a abertura de um canal, que, rompendo o istmo de Suez, faça communicações ao Mediterraneo com o mar Vermelho, pondo d'estarte em proximo contacto a Europa e a India.

Em Lisboa abriu-se ha pouco a subscrição para os accionistas, que hão de formar a grande companhia, encarregada de executar aquella obra colossal e monumental. Em todas as cidades principaes da Europa, da America, e da Africa, estará aberta a estas horas a mesma subscrição; e não tardará a succeder outro tanto em muitas da Asia, e da Oceania.

N'esta empresa civilisadora é bem que entrem o esforço e empenho de todas as nações civilisadas do globo. Será para cada uma de per si um titulo de honra e um padrão de gloria a sua concorrência para se levar a cabo tão util e gigantesca empresa. O dia em que se misturarem e confundirem as aguas dos dois mares será assignalado na historia geral da civilisação como um dos mais memoraveis em seus annos, e o successo como um dos mais transcendentales do seculo actual.

Agora pois, que muitas atenções convergem de toda a parte para aquelle ponto, alvo simultaneamente de tantos planos, esperanças, e receios, para o commercio e para a politica, julgamos a proposito illustrar este jornal com uma estampa d'aquellas paragens, e occupar uma parte das suas columnas com algumas noticias a respeito d'esses sitios remotos, que se vão avizinhar de nós.

O mar Vermelho é um golpho do oceano Indico, que, separando a Asia da Africa, vae terminar no istmo de Suez, que une aquellas duas regiões. Tem de largura, na sua maior amplitude, cento e vinte e tres leguas; e quinhetas de comprimento desde o estreito de Bah-el-Mandel, em que principia, até á pequena cidade de Suez, aonde acaba. O istmo, que hade ser cortado pelo projectado canal, tem umas vinte e cinco leguas de extensão entre os dois mares — Vermelho e Mediterraneo.

A pequena cidade de Suez floreceu muito no tempo dos Ptolomeus, e chamava-se então *Arsinoe*. Depois, reinando no Egypto a rainha Cleopatra, tomou o nome de Cleopatrida. Com a decadencia do Egypto veiu a despovoar-se, e caiu em ruinas quasi inteiramente. O moderno estabelecimento de communicações entre a Europa e a India pelo istmo de Suez, sustentando carreiras regulares de barcos a vapor entre Suez e as principaes cidades commerciaes da Asia, deu áquella cidade nova vida. O canal promete-lhe um futuro de prosperidade.

A estampa junta representa uma pequena bahia da costa do norte do mar Vermelho, chamada *el Wuish*, aonde se acolhem durante a noite, ou por occasião de tempestades, as embarcações arabes, que frequentam este mar.

Alguns bancos d'areia, muitos escolhos, e as borrascas proprias d'aquellas paragens, fazem um pouco difficil a navegação do mar Vermelho. Porém o que mais a difficultava, e tornava verdadeiramente perigosa, eram os malfeitores, que infestavam todo aquelle mar, perseguindo as embarcações com singular audacia, e roubando e assassinando as tripulações e passageiros, com a mais brutal fereza.

Graças á perseverança e rigores com que Ibrahim Pachá perseguiu e castigou os arabes Wahabitas, que eram os terriveis piratas, que exerciam todas aquellas atrocidades, e graças tambem ás carreiras de barcos a vapor das companhias inglezas, aquella sorte

de perigos acabou completamente. Mas para se fazer idéa da grandeza d'estes perigos, e do aproveitamento dos piratas, referiremos um successo contado por uma testemunha, que presenciou uma d'essas horribes scenas de carnificina, da qual escapou como por milagre.

O nababo Abbas Kooli Kan, que é a pessoa a que alludimos, era um homem instruido, e dotado de muita penetração e de notavel coragem. Nas viagens, que emprehndia, levado simplesmente do gosto de se instruir, affrontava com a maior presença d'animo quaesquer perigos, que lhe sobrevinham, ou viajasse por mar ou por terra. E quando se tratava de uma peregrinação a Meca e a Medina, aonde ia muitas vezes como bom musulmano e verdadeiro crente, não havia fadigas, nem perigos de especie alguma, que fossem capazes de o intimidar, obstando a que visitasse mais uma vez o tumulo do propheta, e o logar do seu nascimento.

Voltando, pois, de uma d'estas peregrinações com a sua familia, chegou a um porto do mar Vermelho para ali se embarcar, e seguir viagem para Bombaim. Como desejasse transportar-se em um navio inglez, para maior segurança, e nenhum visse então no porto, esperou que apparecesse algum. Quatro mezes porém decorreram sem entrar um unico navio inglez. Cansado pois de esperar, resolveu-se a fazer viagem n'uma embarcação arabe, pagando pela sua passagem e de sua familia mil rupias (pouco mais de quatrocentos mil réis).

A embarcação levava uma grande quantidade de passageiros, circumstancia mais vantajosa que desagradavel, pois que o incommodo, que uns aos outros podiam causar, ficava bem compensado com a confiança, que a todos inspirava tão numerosa companhia, no caso de alguma aggressão dos piratas.

Agora deixaremos fallar o nababo, que escreveu e publicou na lingua persa as suas viagens, de cuja obra se fez uma traducção em inglez, publicada em Bengala.

«Devo fazer notar, por primeira prova da nossa má fortuna, que, antes de embarcarmos, foi o navio ao fundo em consequencia de um buraco, que tinha no cavername. Para se lhe fazerem os necessarios reparos, descarregou-se inteiramente, e gastou-se dois mezes n'esta obra. Porém apesar de todo esse tempo, o capitão nem vigiou os trabalhos, para que o concerto fosse qual devia ser, nem tratou de fazer um bom provimento d'agua. Se o fizera, poderiamos partir quando muito bem quizessemos, e tomar o alto mar, sem que ninguém soubesse o que seria feito de nós. Desgraçadamente, indo a bordo trezentas pessoas, e perto de setenta cavallos, não levava o navio aguada, por effeito da mais rematada loucura, senão para dois dias. Por conseguinte eramos obrigados a ir costeando a terra, aoproando, e demorando-nos em cada ilha e porto, que encontravamos, para fazer aguada, e receber mantimentos.

«No porto, d'onde saímos, tinham os Wahabitas espiões, que os avisaram de tudo quanto lhes convinha saber; assim pouco depois da nossa partida, appareceram ao longe, na nossa frente, duas embarcações, que nos deram de que suspeitar.

«O capitão, e seu immediato, lançaram logo mão do oculo; porém como as embarcações se achassem em grande distancia, de nada lhes serviu, ficando sem saber se tinham amigos ou inimigos pela pròa.

«Pela volta do meio dia, estando as duas embarcações já proximas de nós, começou então o nosso commandante a fazer preparativos de combate, carregando algumas espingardas. Era tal, porém, o seu estado de susto, que parecia ter perdido o juizo. Felizmente estavam perto do porto de Bugoo; dirigimo-nos para elle, lançamos ferro, e passámos ali a noite com segurança, pois que por um costume muito antigo ninguém se atreve a atacar qualquer navio dentro de um porto, porque todos sabem que os habitantes auxiliariam o agredido com todas as suas forças, para não passarem pela vergonha de verem o seu porto violado.

«A bordo do Bugla (era o nome do navio) havia muitas armas de fogo de diferentes especies, taes como, quatorze canhões, duzentos mosquetes, perto de quatrocentas lanças ou chuços, e polvora e bala em abundancia. Não havia porém um unico homem

capaz de fazer bom uso d'estes petrechos. Os mais valentes mostravam possuir mediocre esforço.

«Quando detámos ferro, perdemos de vista as duas embarcações. Então o commandante, concluindo d'isto que não eram inimigos, respirou e cobrou alento.

«Ao ver esta confiança sem motivo, disse-lhe:

— Ponha na sua lembrança estas minhas palavras: as embarcações são de inimigos, mas vendo elles que estava a cair a noite, e que vinhamos ancorar n'este porto, fingiram que se não importavam connosco, afim de que adormecidos n'uma falsa segurança, nos afoitemos a sair pela manhã do lugar aonde nos refugiamos. Amanhã farão a mesma coisa: não apparecerão, com tanto que nós não deixemos este porto, sem haver boas razões, que nos façam crer, que nada ha a receiar.

«O capitão (amaldiçoada seja a sua familia) fez ouvidos surdos; mandou levantar ferro, e desfraldar velas ao vento. Navegámos, pois, afoitamente por um pequeno espaço antes que rompesse o dia, que devia presenciar a nossa desgraça, antes que apparecesse o sol, que havia de alumiar o nosso infortunio.

«Ainda mal começava a luzir o primeiro arrebol da madrugada, quando appareceram duas embarcações exactamente no mesmo sitio, aonde viramos desaparecer as da vespera. O segundo commandante, o escrivão, o piloto, todos os marinheiros, e principalmente aquelle maldito Abdul Kurrem, foram accommettidos de um terror, que não é possível descrever. Parecia que todo o sangue se lhes gelara nas veias. Os seus rostos tornaram-se de repente cadavericos.

«Vendo isto não pude conter-me. Voltei-me para o capitão, e disse-lhe:

— Porque é agora tamanha afflicção? Receben avisos salutarés; dei-lhe um bom conselho; pedi-lhe com instancia que fosse prudente; não attendeu a coisa alguma, e perdeu-nos a todos.

«O medo tinha-lhe tirado a voz, e apenas pôde balbuciar esta phrase:

— Que quer que lhe diga?

— Agora nada, lhe repliquei, porque já não tem remedio; mas d'aqui por diante obre com prudencia e firmeza. Se se deixa ficar n'esse estado de irresolução, o seu exemplo será contagioso para toda a tripulação, e depois o que será de nós? Os inimigos ainda estão longe; ainda teremos uma hora, ou mais, antes que elles possam alcançar-nos; aproveite este tempo, dê ordem para que tirem d'ahi esse feno, que empacha o convez, e estorva a defensa. O que for necessario para os cavallos, mande-o pôr no porão, e o resto que o deitem ao mar. Ordene que desembarquem e limpem a coberta; que tratem já de carregar os canhões; e que se colloquem junto de cada um tres ou quatro homens de confiança. Distribua a todos os outros os mosquetes e chucos, que ahi tem; e reparta essa gente assim armada pelos diferentes pontos do navio.

«Abdul Kurrem, immovel como um pilar de pedra, nem respondeu uma só palavra, nem mostrou dar attenção ao que eu acabava de lhe dizer. Porém Abdi Ahummud, o segundo commandante, que era um homem de genio violento e arrebatado, e tambem valente, a julgar-se pelos seus discursos, exclamou:

— Trata-se aqui de uma batalla naval, e não de um combate em terra, por cuja razão devemos saber mais d'isto do que o senhor. Por conseguinte não nos interrompa, nem estorve. Esteja tranquillo, e terá o prazer de ver como eu com esses canhões, que estão sobre o convez, envio aos inimigos uma tal chuva de balas, que os hade fazer em pedaços, e metter no fundo. E se, suppondo o peor, a sorte da batalha for contra nós, eu me arranjarei de maneira, que possa lançar fogo a duzentos barris de polvora, que vão lá em baixo, e que nos farão ir a todos por esses ares.

— Que admiravel invenção! lhe respondi. Parece-me que o mais provavel, é que terá de obrar d'esse ultimo modo. Já antevejo o que hade succeder. O navio está perdido.

O nababo foi bom propheta. Quando chegou o momento da acção, achou-se o leme quebrado, e em estado de não poder servir. Uma parte da polvora e das balas estava escondida debaixo do feno dos cavallos, e o resto achava-se em baixo muito

bem fechado á chave, e ninguem sabia da chave. Toda a gente se poz então a gritar pelo carpinteiro, para que concertasse o leme, e arrombasse o deposito das munições. Todos começaram a correr de um lado para o outro, empurrando-se, atropellando-se, e accusando-se reciprocamente. No meio d'esta grita e confusão foi o navio accommettido pelos inimigos, que abordaram sem lucta, e quasi sem resistencia se apossaram de tudo. Eram com effeito os terriveis Wahabitas, que só quando se fartaram de sangue, fizeram captivos os poucos que escaparam de tão horrorosa carnificina.

Parece que o nababo e sua familia conseguiram o seu resgate a poder de oiro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O engeitado

Continuação.

XIII

Heis de ter visto por vezes
Das turbas no formigar,
Um rosto meigo, uma fronte
D'entr'as turbas avultar.
Heis d'encaral-o, sorrindo;
Mas com riso compungido
Heis ter dito commovido
Como é bello — desgraçado!
Então o pobre engeitado
Estendendo-vos a mão
Assim dirá: — dae-me pão! —
Porque voraz, negra fome
O delinha e o consome
Pungindo-lhe o coração!

Se, sensível, vós lhe daes
Tosca moeda de cobre;
Apagar-lhe-heis seus ais
Gembundos, ais de pobre!
E c'um afago no rosto
Escaveirado, que o desgosto
Myrrhou e empallideceu,
Um osculo lhe dareis,
Porque elle um beijo vos deu!

E direis — pobre menino!
E' tão meigo e peregrino
Este rosto desbotado...
Sim, prasenteiro e rosado
Podia ser... E tão bello,
Tão candido, tão singelo!
E elle rompendo em queixas
Assim dirá: — sois tão bom!
Então simultaneas lagrimas
D'essa voz ao debil som
Pela fome entrecortada,
Dos olhos vos saltarão...
Heis de chorar e abraçal-o;
Beijar-lhe o rosto, afagal-o,
Heis de unil-o ao coração!

XIV

Mais tarde vereis um vulto
Mendigar do templo á porta,
Ter por esmola um insulto
Da turba que não lh'importa
As misérias d'um irmão!...
Desgrenhados os cabellos
Hirsutos, outr'ora bellos,
Torvada a meiga feição,
O olhar amortecido
Bradar-vos esmorecido
— Dae-me esmola, meu irmão!

Delira, mas quando a lua,
Do frontão a pedra nua
Ilumina do mosteiro;
Lá, vél-o-heis estendido
Sob'ro adro desabrido
Lamentando no silencio...

XV

Eil-o sêmpre, sempre — é elle,
Que no caminho topaes,
Eil-o ahi pois; é aquelle
A quem uma esmola daes.
— Sim, chorae-lhe a orphandade,
Porque o filho da maldade
Já carpir não pode mais!

XVI

À beira do mar clamava
Nas angustias s'estorcendo;
Co'o marulho misturava
D'altas vagas, que gemendo
Sob'ra praia succumbiam,
Os mil prantos que chorava
E que os eccos repetiam!

XVII

Lá vem de longe o ribombo
Retumbante do trovão,
O silencio perturbar!
E da rocha o duro tombo,
Desabando sobre o mar,
Tetrico pavor infunde!
Vem o raio que confunde,
Fusilando, a vista accessa;
Vem o noto assoviando,
E das vagas a fereza
Mugindo de quando em quando,
Horroroso aspecto dão
A revolta natureza!...

XVIII

Membros hirtos, labios seccos,
Torvos olhos incendiados,
Irado escutava os eccos
Da procella, e seus gemidos!
Vocifera praga horrenda...
Ao Eterno a morte pede...
.....
E a ira do ceo, tremenda,
Negra morte lhe concede...
.....

O Eterno fez-lh'a vontade,
Porque ao fim da tempestade,
Mais um ente á eternidade
Sem queixumes abordou!...
Triste em magoas succumbiu,
E quando a aragem zuniu,
Mais uma vida levou!...

Mães crueis, desnaturadas,
Para o crime só fadadas,
Filhas da prostituição;
Ahi tendes, ride agora...
Talvez vos riréis, embora!
Mas chorae do coração.

Chorae, que o arrependimento
Estanca o fero tormento
Do remorso, que vos brada.
Embora ride e folgae,
Mas ao menos lamentae
Vossa prole despresada!

Não, não lhe cuspaes no rosto,
Myrrhado pelo desgosto,
Que a existencia lhe murchou,
O sarcasmo do desprezo;
Que aos sarcasmos indefeso
Já na vida os affrontou!

Uma lagrima lhe dae
Um sorriso, um pranto, um ai!
Sobre a campã, de saudade:
Sim, chorae-lhe rude morte
Lamentae a dura sorte
D'esse fructo da maldade!

E senão, vêde a sentença
Que me leva a crer na crença
Que o Christo nos decretou:
— Que merece ter o inferno,
O desprezo vil e eterno,
Mãe que seu filho engeitou!

Janeiro, 1856.

H. VAN-DEITERS.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA III.

OS MESMOS, MENOS O CAVALLEIRO.

D. GIRAL — Mas aquella brinde!...
D. BRITALDO — Foi brinde discreto, não offendeu ninguém!
CASTINALDO — E a voz, senhor... e aquella voz?... Não lhe ouvistes dizer, que era um voto de dezeseis annos...

D. BRITALDO — E um dia.
CASTINALDO — Faz hoje dezeseis annos que os degraus da sé de Coimbra ficaram vermelhos do sangue de Riba-Dão.

D. BRITALDO — Em mal que o lembras, filho!
CASTINALDO — Em bem, senhor... Aquella voz, e aquella voto!... Os de Riba-Dão não acabaram todos... Não vos disseram que o senhor da casa escapara á matança, e se fóra em homisio por villas e aldeas... Quem sabe se esse oblató...

D. BRITALDO — Um de Riba-Dão aqui... aqui, e só, e no meio de nós... de nós todos!... (*flamejando*) Que o não soubesse eu... (*pausa*) Tres-variaes, filho... Um d'elles... o primeiro que fosse...

D. GIRAL — Não ousava tanto.
D. BRITALDO — Eu sei!... ousaria... Elles ousam tudo!

CASTINALDO — A coberto de um voto... Sabe Deus que voto.

D. GIRAL — Falso talvez...
D. BRITALDO — Falso ou verdadeiro... Isso é entre elle e o senhor bispo. Os frades de Lorrvão que o excommunguem se mente. A nós cumpre respeitá-lo.

CASTINALDO (*ironico*) — E respeitá-mol-o.
D. BRITALDO — Em bem que sim!

CASTINALDO — Ainda mesmo que fosse...

D. BRITALDO — Ainda que fosse... Mas não é... E se é... embora, Deus seja com elle se nos traz palavras de união... Castigue-o Deus, se nos vem convocar a novas rixas. (*ouve-se dentro uma voz*). (*A voz cantando*).

«Tredas brigas, ruins brigas
«Que me aqui trazeis perdido!
«O que a briga venceu hoje
«Pode amanhã ser vencido!

CASTINALDO — Descantes?...
D. GIRAL — Quem nos virá assim cantar?
(*Outra voz cantando do lado opposto*).

«Tredas brigas, ruins brigas
«Que me aqui trazeis perdido!
«O que a briga venceu hoje
«Pode amanhã ser vencido!

CASTINALDO — Outro?
D. BRITALDO — E a mesma trova! a mesma toada!

SCENA IV.

Os mesmos, Archibaldo, e Pelayo, de lados oppostos. Ao mesmo tempo abrem-se duas janellas nos paços, e apparecem a ellas Bertha, e Alva. Alva procura com os olhos o escudeiro Pelayo, vê-o, e faz um gesto de espanto. Bertha exprime o mesmo para Archibaldo, e indica alvorogo. Lançam depois a vista em roda com temor. Dão uma pela outra, e recolhem-se precipitadas.

ARCHIBALDO (*entrando, á parte*) — E' ella!
PELAYO (*o mesmo*) — E' ella!
CASTINALDO — Que trovas são essas, que trovaes ahí, serviçaes de má morte?

ARCHIBALDO — Serviçal não sou, senhor, escudeiro sim, e vindo de boa gente.

D. GIRAL — Sêde lá o que quizerdes, mas dizeiros... que é o que nos trovaes... (*a Pelayo*) vós? (*a Archibaldo*) E vós ahí tambem?

ARCHIBALDO (*á parte*) — Ah! somos dois a rondar e a trovar!

PELAYO — E' uma cantiga dos reis antigos de Coimbra... uma historia muito lastimosa de certas brigas e amores entre duas familias...

D. BRITALDO — Inimigas, não?

CASTINALDO — Pois consentis!...

D. BRITALDO — Dizei, dizei-nos algumas d'essas trovas. Rezm de historias verdadeiras. E' exemplo aos velhos o ouvilas, e pode ser lição para os moços. E vós? (*ao outro*) Dizei-nos tambem as que ora cantaveis n'aquella saudosa toada.

ARCHIBALDO — Senhor, quereis?

PELAYO — Mandaes, senhor?

D. BRITALDO — Desejo.

PELAYO — Reza assim a lettra das trovas.

«Tredas brigas, ruins brigas
«Que me aqui trazeis perdido!
«O que a briga venceu hoje
«Pode amanhã ser vencido.

CASTINALDO (*impaciente a D. Giral*) — Ouvis?
D. BRITALDO — Ouço eu tambem. É uma verdade... bem severa, e bem triste!... (*a Pelayo*) Continuae.

PELAYO — «Mette a espada, cavalleiro,
«Mette a espada na bainha
«Espada que é ora altiva,
«Pode em pouco ser mesquinha.

CASTINALDO — Parece que de proposito!...

D. BRITALDO — Vós agora, escudeiro amigo. Serão mais de folgar as vossas?... Aquellas afinadas são por certo; mas pungem muito. Se a verdade amarga tanto! Dizei-nos as vossas.

ARCHIBALDO — São as mesmas; dizem a mesma historia: um cavalleiro e uma dama que se amavam apesar...

D. BRITALDO — Essas historias são frequentes nas Hespanhas, e vem de longe. Força é que andem nas boccas de todos. Dizei todavia...

ARCHIBALDO — «Ai! amores da minh'alma!
«Ai! amor da minha vida!
«Melhor me fóra não ter-vos,
«Que ter-vos com tanta lida,

«Onde estaes, estão meus odios,
«E onde eu sou, sereis, donzella,
«Que em tão bravas tempestades
«Brilhaes vós por minha Estrella.

(*Com os olhos nas janellas*) Segui vós. (*a Pelayo*).

PELAYO — «E oh! que estrella, linda estrella,
«Que tão meigos raios lança!
«Sobre furias de combates
«Alvos raios de esperanza.

«Deixae brigas, ruins brigas,
«Que tudo trazem perdido:
«O que a briga venceu hoje
«Pode amanhã ser vencido.

CASTINALDO — E' de mais, é já de mais. Isto é insulto!

Continua.

Miscellanea.

A rainha Isabel d'Inglaterra, admirando a elegancia do marquez de Villa de Medina, perguntou-lhe, quem seria o *ente adorado* que possuísse o coração de tão perfeito cavalleiro. Senhora, replicou elle, será ousadia de mais em um amante... mas é lei a vossa vontade; se a discricção me obriga a não nomeal-o, peço-vos que acceiteis o seu retrato.

No seguinte dia enviou-lhe um espelho.

Extraordinario, exclamava certo philosopho, procuro tamaras no fim dos dedos, visto crescerem da palma, e não as encontro!

RECTIFICAÇÃO.

No artigo sobre a educação, que publicámos no numero 5 d'este semanario, por equívoco se estampou no fim a palavra *continua*, dando assim a entender que teria seguimento, quando com aquelle artigo concluiu o objecto que ali tratámos.

Continua a relação dos professores a quem é remetida a *Illustração*, e a quem pedimos o favor de nol-a accusar recebida.

DISTRICTO DE FARO.
Concelho d'Alcoutim.

III.ªs Srs.

Martinlongo — José Guerreiro Cotta.
Dito de Lagos.

Villa do Bispo — Francisco dos Reis Oliveira.
Dito de Silves.

S. Bartholomeu de Messines — José Lourenço Callado.

Dito de Tavira.

Fuzeta — Simão José d'Oliveira Moraes e Silva
DISTRICTO D'AVEIRO.

Concelho d'Agueda.

Recardães — Manuel Noronha da Silveira.
Dito d'Anadia.

Sangalhos — Albino d'Oliveira Rodrigues dos Santos.

Dito d'Aveiro.

Logar do Requeixo — Luiz da Cruz Maia.

Dito d'Estarreja.

Pardilhó — José Ignacio Marques da Silva.

Dito da Feira.

Mozellos — Pedro Leite.

Dito de Mealhada.

Vacariça — Eugénio Augusto da Costa Salles.

Dito d'Oliveira d'Azemeis.

Palmas — Manuel Marques Nogueira da Silva.

DISTRICTO DE CASTELLO BRANCO.

Concelho de Castello Branco.

Sarzedas — Fortunato José Nogueira Godinho.

Dito do Fundão.

Silvares — José Pires das Neves.

Dito de Proença a Nova.

Sobreira Formosa — José Rodrigues Pereira Junior.

Dito de S. Vicente da Beira.

Tinalhas — Francisco Duarte Ramos.

DISTRICTO DA GUARDA.

Concelho d'Aguiar da Beira.

Pena Verde — Francisco Antonio da Fonseca Moreira.

Dito de Cêa.

Loriga — Manuel Mendes Appario Freire.

Dito de Cellorico.

Baraçal — Antonio Nunes d'Abreu.

Dito de Fornos d'Algodres.

Maceira — Marcellino Dias Monteiro Amador.

Dito de Gouveia.

Mello — Joaquim José Cabral.

Dito da Guarda.

Urgueira — Alexandre da Paixão Borrego.

Dito de Pinhel.

Lamegal — Antonio Joaquim da Fonseca Mattos.

Dito do Sabugal.

Sortelha — José Luiz de Mattos.

Dito de Villa Nova de Foscôa.

Marialva — José da Silva.

Continua.